

VII FÓRUM INTERNACIONAL DA LONGEVIDADE

13 e 14 de novembro 2019, Rio de Janeiro

Os caminhos para o aprendizado ao longo da vida

VII Fórum Internacional da Longevidade debateu as estratégias para a oferta de oportunidades de aprendizagem para pessoas idosas

CENTRO INTERNACIONAL DA LONGEVIDADE BRASIL

O ILC – BR (Centro Internacional da Longevidade Brasil) é um think tank, organização voltada para a formulação de políticas, no caso, em resposta ao envelhecimento populacional. Ele integra a Aliança Global de ILCs (ILC–GA), presente em 16 países e é presidido pelo médico-gerontólogo Alexandre Kalache, tendo Elisa Monteiro como diretora administrativa e Egidio Dórea como diretor de desenvolvimento institucional. O ILC-BR, em 2019, adotou uma estrutura descentralizada, com quatro coordenadorias regionais (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte) e pontos focais temáticos, como questões raciais, de gênero, o enfoque “amigo do idoso” (cidades, hospitais, atenção primária), moradia, cultura do cuidado, entre outros. Todos os eventos do ILC–BR são moderados de maneira que as diversas sessões (keynotes, painéis, discussões interativas) sejam interconectadas através de um fio condutor, construindo mensagens críticas para a formulação de políticas públicas. Para mais informações sobre o ILC–BR, acesse: www.ilcbrazil.org/portugues.

Todas as atividades desenvolvidas pelo Centro Internacional da Longevidade -Brasil (International Longevity Centre – ILC-Brazil) são regidas pelos princípios estruturantes do Marco Político do Envelhecimento Ativo lançado pela Organização Mundial da Saúde em 2002 em que o Envelhecimento Ativo é definido como “o processo de otimizar as oportunidades para Saúde, Aprendizado ao Longo da Vida, Participação e Segurança/Proteção, de modo a promover qualidade de vida a medida em que envelhecemos”. Em fóruns anteriores, a partir de 2013, o ILC-Brazil focou em temas relacionados ao Envelhecimento Ativo, a saber, em ordem cronológica:

2013 – Desenvolvendo uma Cultura do Cuidado em resposta à Revolução da Longevidade

2014 – Gênero e Envelhecimento

2015 – O enfoque “mais amigo do idoso, amigo de todas as idades”

2016 – Contribuições do Design e Tecnologia em relação à Revolução da Longevidade

2017 – A construção da resiliência ao longo do curso de vida

2018 – O Futuro do Envelhecimento

Dando continuidade à série, o tema escolhido para o VII Fórum Internacional foi centrado em um dos pilares estruturantes do Envelhecimento Ativo – o Aprendizado ao Longo da Vida. Nossas vidas cada vez mais longas requerem um aprendizado contínuo em todas as etapas. É com base em tal aprendizado que asseguramos um nível mais alto de saúde, de oportunidades mais amplas de participar mais integralmente da sociedade a que pertencemos e de sentirmo-nos mais seguros e protegidos ao longo de nossas vidas cada vez mais longas.

Ao longo de dois dias, o VII Fórum trouxe apresentações, palestras e painéis em que figuraram 28 experts e debatedores. Das sessões foi preparado um relatório não exaustivo a partir de anotações competentemente preparadas pela jornalista Luciana Fleury, da *Revista Aptare*. As discussões foram mo-

deradas pelo presidente do ILC Brazil, Alexandre Kalache, de modo a construir um pensamento interligado e consistente.

Os debates deixaram claro como as transformações tecnológicas e sociais, somadas ao aumento da longevidade populacional, geram fortes demandas para a atualização e complementação de conhecimentos e para o desenvolvimento de novas habilidades, a fim de manter as pessoas produtivas e inseridas no mundo, do início ao final de suas vidas. Como destacou Kalache na abertura do evento “a menos que haja investimento no aprendizado ao longo da vida, os trabalhadores terão menos oportunidades para continuar na força de trabalho à medida que envelhecem”.

Em suas intervenções realizadas no decorrer de todo o evento, Kalache buscou sempre enfatizar como o envelhecimento populacional é algo que afeta toda a sociedade. “Não somente os profissionais de saúde passarão a lidar com mais pessoas acima dos 50/60 anos e devem estar preparados para isso; todos os futuros profissionais precisam ter um maior conhecimento sobre envelhecimento a nível individual e coletivo, já que este é um tema transversal. Só assim poderão ter uma compreensão melhor dos efeitos do aumento da longevidade na sociedade sob todos os aspectos. E isso vale para o arquiteto, o administrador, o gestor de políticas públicas, o jornalista, para todo mundo”, afirmou. Kalache também reforçou a importância da aglutinação das iniciativas voltadas para o aprendizado ao longo da vida. “Em geral, a maioria das instituições de ensino superior, principalmente as dos países mais desenvolvidos, já tem várias atividades voltadas para pessoas idosas – por exemplo, cursos e programas inseridos em iniciativas como “universidades para a terceira idade”. O crucial está em criar um ponto único, catalisador, para que essas iniciativas não fiquem fragmentadas”, comentou. Outro elemento importante apontado por Kalache é o protagonismo dos maiores interessados, ou seja, dos idosos. “É preciso envolver, empoderar e ouvir as pessoas idosas para que elas possam colaborar de modo que as ações desenvolvidas façam sentido para eles e atendam a seus anseios e necessidade. Em suma, “nada para nós sem nós”.

Além de palestras e painéis para o comparilhamento de informações, a agenda do Fórum contou com um descontraído bate-papo conduzido por Kalache com Sandra Carpenter, uma sexagenária que prestou em novembro o Exame Nacional do Ensino

Médio (ENEM) buscando seguir a carreira de fisioterapia. E, ainda, com uma “degustação” teatral: o auditório que abrigou o evento se transformou por alguns minutos em um teatro, sendo “invadido” pelas atrizes Vanja Freitas e Claudiana Cotrim, que encenam trechos da peça *Rugas*, que fala de forma bem-humorada sobre o envelhecimento. Após a apresentação houve uma animada conversa com as atrizes e o diretor teatral Amir Haddad, que as dirigiu na peça. Haddad é dos mais prestigiados diretores de teatro do Rio de Janeiro, com reconhecimento em todo o país e conta com mais de 60 anos de atividade artística. Desta forma, no momento final do Fórum, buscou-se enfatizar que o aprendizado não é só feito através de atividades didáticas ou formais. “É também através da Cultura que se aprende, no contexto do dia a dia, onde vivemos, trabalhamos, buscamos entretenimento, através das interações que caracterizam a riqueza sócio-cultural em que estamos inseridos” afirmou Kalache.

A importância da requalificação permanente

As razões pelas quais se deve investir para que adultos continuem aprendendo e se qualificando, bem como as barreiras para isso, foram o tema de Alessia Forti, economista do mercado de trabalho da Diretoria de Emprego, Trabalho e Assuntos Sociais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em Paris, na palestra de abertura do evento. Alessia disse que os avanços tecnológicos, a maior longevidade das populações e a globalização trouxeram (e vão continuar trazendo) novas demandas e a necessidade do desenvolvimento de novas habilidades, gerando uma pressão para a requalificação e a atualização de conhecimentos, a fim de manter as pessoas no mercado de trabalho. “É impossível que a educação formal e recebida antes do ingresso no mercado de trabalho dê conta de todas as habilidades necessárias ao longo da vida. Ou seja, é preciso ajudar os trabalhadores a navegar por essas mudanças e a ter as novas competências necessárias”, afirmou. Apesar disso, são grandes as dificuldades envolvidas no treinamento de quem já atua no mercado de trabalho, tanto por parte dos profissionais (falta de tempo e de recursos financeiros; horários ou locais inconvenientes; ausência de apoio do empregador etc.) quanto pelas empresas (dificuldade em identificar as reais necessidades; altos custos;

alta carga de trabalho da equipe; medo de perder o profissional para o mercado após a capacitação etc.). “A maioria das empresas reconhece que prefere recrutar novos funcionários em vez de fornecer treinamento aos trabalhadores existentes”, disse Alessia.

Ela destacou também que, dentro desse contexto já desfavorável, há ainda um grupo de maior vulnerabilidade, formado por pessoas mais velhas; de baixa qualificação; que trabalham em atividades com alto risco de automação; e aquelas sem um vínculo formal de trabalho. Para completar o quadro, as poucas oportunidades de capacitação oferecidas costumam não estar alinhadas às reais habilidades que precisam ser desenvolvidas, sendo que parte está voltada para treinamentos obrigatórios de saúde e segurança. “Um terço dos profissionais diz que o treinamento recebido não foi muito útil”, destacou.

Como possíveis caminhos para a solução, Alessia apontou ações como: melhorar a cobertura e a inclusão da educação de adultos; alinhar fortemente o conteúdo do treinamento às necessidades de habilidades do mercado de trabalho; melhorar a qualidade e o impacto da oferta de treinamento; implantar financiamento adequado e sustentável; fortalecer os mecanismos de governança. Ela encerrou sua fala apresentando as iniciativas da OECD para contribuir com a educação de adultos, que envolvem pesquisas sobre o tema, relatórios, guias de orientação e até uma plataforma (disponível em <http://www.oecd.org/employment/skills-and-work/adult-learning/dashboard.htm>) na qual é possível comparar os siste-

mas de aprendizagem de adultos dos países-membros em sete dimensões: urgência; cobertura; inclusão; flexibilidade e orientação; alinhamento com as necessidades de habilidades; treinamento percebido; e financiamento.

Aprendizado ao longo da vida – um direito de todos os cidadãos

Apresentar o futuro do trabalho e sua relação com o aprendizado ao longo da vida foi a missão de Mark Levin, consultor de recursos humanos que até julho deste ano atuava como diretor de recursos humanos da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Ele iniciou sua fala corroborando rapidamente os desafios do mundo laboral atual apresentados na palestra de Alessia Forte, porém chamando atenção para o fenômeno da atomização. “O trabalho não é mais um lugar para onde as pessoas vão todos os dias; a atuação profissional agora é mais individual, com pessoas trabalhando em casa, em pequenas unidades ou de forma autônoma. Há todo um debate sobre a chamada ‘economia de plataforma’, como é o caso do Uber, e os tipos de arranjo de trabalho nascidos dela que frequentemente deterioram as condições laborais”, disse.

Levin direcionou sua explanação para as ações desenhadas pela Comissão Global da OIT para o enfrentamento desses desafios, que propôs uma agenda centrada no ser humano cujos pilares e estratégias estão resumidos no quadro abaixo:

Pilares	Estratégias
Aumentar o investimento nas capacidades das pessoas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aprendizagem ao longo da vida para todos ✓ Apoio nos momentos de transição de carreira ✓ Agenda transformadora para a igualdade de gênero ✓ Fortalecimento da proteção social
Aumentar o investimento nas instituições de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estabelecimento de uma garantia universal de trabalho ✓ Expansão da flexibilidade de trabalho (maior controle do funcionário no uso de seu tempo) ✓ Revitalização da representação coletiva (renovação e fortalecimento dos sindicatos dos trabalhadores) ✓ Uso da tecnologia voltado para trabalho digno
Aumentar o investimento no trabalho digno e sustentável	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Transformação das economias para promover trabalho digno e sustentável ✓ Criação de incentivos para um modelo econômico e de negócios centrado no ser humano

Com relação ao maior controle do uso de seu tempo pelo trabalhador, Levin ressaltou que o envelhecimento populacional aumenta o período pelo qual as pessoas mais velhas precisarão de atenção e cuidado de seus familiares. “É preciso dar às pessoas



No alto: casa cheia na Unibes Cultural; Alexandre Kalache, presidente do ILC – BR e do ILC – GA; palestrantes do simpósio em foto oficial

maior flexibilidade para que elas consigam equilibrar o trabalho com sua vida pessoal e, também, com a necessidade de prestar cuidados a entes queridos”, destacou. Para ele, a OIT e toda sua constituição tripartite reconhecem que é necessário rever e revigorar o atual contrato social do trabalho. “Esse compromisso está refletido na Declaração Centenária da OIT para o Futuro do Trabalho, adotada em junho de 2019 na Convenção Internacional do Trabalho”, disse Levi. Segundo o documento “o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno e decente para todos são elementos-chave do desenvolvimento sustentável e, portanto, devem ser um objetivo prioritário das políticas nacionais e da cooperação internacional”. A Declaração complementa e reforça a Recomendação 195 da OIT, adotada em 2004, que trata da “aprendizagem permanente”, definindo, entre outras coisas, que aprendizagem ao longo da vida é um direito de todos os cidadãos.

Levin finalizou sua participação destacando a mudança de uma trajetória anteriormente formada por apenas três etapas (educação formal > trabalho > aposentadoria) para uma vida de vários estágios e sem uma ordem cronológica para acontecer (educação, atuação como autônomo, emprego formal, trabalho voluntário, mistura de trabalho remunerado e não remunerado, treinamento, aposentadoria, trabalho temporário, trabalho flexível). “Isso demandará oportunidades de aprendizagem ao longo da vida; maior proteção social, com cobertura universal, portabilidade dos benefícios e reconhecimento do trabalho não formal para contagem de tempo de aposentadoria, além de suporte de renda para os momentos de transição; e toda uma série de políticas públicas para a manutenção das pessoas mais velhas neste mercado de trabalho crescentemente mais complexo”, afirmou.

As experiências das Universidades Amigas do Idoso (UAI)

As iniciativas realizadas por espaços de aprendizado formal, como são as instituições de ensino superior, para lidar com as oportunidades e desafios do envelhecimento populacional mundial formaram um bloco de três intervenções no Fórum. Na primeira delas, Christine O’Kelly, da Dublin City University, DCU, apresentou um breve histórico e o

atual status da Rede Global de Universidades Amigas da Idade, da qual é coordenadora.

A ideia nasceu com base no projeto da OMS de Cidades amigas para os Idosos em reunião em 2009 quando Kalache visitou a Irlanda para participar de um evento para lançar o projeto “Irlanda, país amigo do idoso”. Na ocasião Christine e Kalache vislumbraram a necessidade de transformar a universidade em um espaço onde adultos mais velhos possam encontrar oportunidades para seguir aprendendo. O movimento resultante destas interações iniciais foi formalizado em 2012, na Dublin City University (DCU) diante dos questionamentos internos sobre como a instituição lidaria com as mudanças demográficas, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas vividas pelo mundo. “Percebemos que não tínhamos nada para os idosos, mas decidimos olhar para a longevidade como uma oportunidade e não como uma crise”, afirmou. Após uma série de pesquisas e estudos, foram definidos dez princípios que, se cumpridos, fariam uma instituição ser reconhecida como “amiga do idoso” (disponível em <https://www.dcu.ie/agefriendly/principles.shtml>), uma iniciativa logo abraçada por várias universidades ao redor do mundo e que atualmente conta com 58 instituições da Europa, América do Norte e Ásia.

A Rede realiza uma série de ações para fortalecer o movimento entre as universidades-membros, viabilizando financeiramente intercâmbios entre estudantes, pesquisadores e outros funcionários; incentivando a pesquisa colaborativa entre instituições; proporcionando oportunidades para capacitação; organizando fóruns para networking e compartilhamento de ideias; desenvolvendo declarações de posições políticas; atuando como facilitadora entre as universidades e indústrias amigas do idoso, pequenas e médias empresas, ONGs e outras entidades que trabalham no setor de envelhecimento; e incentivando a melhora da compreensão dos problemas do envelhecimento em todo o mundo. Para os interessados em iniciar um processo de transformação voltando os olhos para as pessoas mais velhas em suas instituições de ensino superior, Christine recomenda uma reflexão. “É preciso responder a questões como: O que sua instituição está fazendo para atender às necessidades dos alunos mais velhos? Quais são os desafios e barreiras

para fazer isso? Como você pode contribuir com essa ação em seu local de trabalho?”, elencou.

Kalache, em seu papel de moderador do Fórum, ressaltou que em sua visão para que uma Universidade possa clamar ser verdadeiramente “Age Friendly” será cada vez mais indispensável que todos os aspectos relacionados ao envelhecimento estejam refletidos nos currículos de todos os cursos oferecidos, em todas as disciplinas. “Por exemplo, suponha que você se gradue em Medicina em 2020. Você provavelmente estará ainda desempenhando suas atividades profissionais em 2070 – afinal eu mesmo vou completar 50 anos de formado em 2020. Você terá, ao longo de sua atividade laboral, atravessado a Revolução da Longevidade. Em nosso país, em 2070, a proporção dos 60+ em um país como o nosso terá saltado dos atuais 14% para 35%. A menos que você aprenda mais sobre envelhecimento desde a graduação e continuamente, ao longo de sua carreira.

A segunda palestra do bloco mostrou o caso prático de uma instituição de ensino superior do Canadá que aderiu ao movimento Universidade Amiga do Idoso. Parminder Raina, diretor da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade McMaster, da província canadense de Ontário, fez primeiramente um breve descritivo da cidade de Hamilton, onde a instituição está localizada, bem como das características da instituição e da comunidade acadêmica. Chama atenção o fato de 17% da população do município ter mais de 65 anos de idade e 30% mais de 55 anos; além de 45% das pessoas idosas serem imigrantes, o que faz com que uma em cada cinco moradores fale outro idioma além de francês e inglês. Raina ressaltou a robusta linha de pesquisa sobre longevidade realizada por meio do Instituto McMaster de Pesquisa sobre Envelhecimento que acompanha, desde 2010, 50 mil pessoas com idade entre 45 e 85 anos e destacou o McMaster Optimal Aging Portal, o portal alimentado pela universidade, considerado a fonte on-line mais abrangente do mundo de informações baseadas em evidências sobre o envelhecimento.

Ele comentou que o trabalho para incluir pessoas mais velhas na universidade foi coordenado em várias frentes, envolvendo todas as faculdades que compõem a instituição. Entre diversas ações, foram estruturadas pesquisas aprofundadas para ouvir dos

idosos os pontos fortes e fracos na promoção das atividades acadêmicas disponíveis. A primeira delas envolveu somente a questão da *walkability* (termo em inglês que avalia o nível de facilidade das pessoas em caminhar por determinada área). “Um dos principais achados foi que as pessoas mais velhas tinham medo de se perder dentro do campus”, disse Raina. O levantamento apontou situações como falta de informação sobre como se deslocar nele, sinalização ausente ou mal colocada, além do desafio para pessoas com mobilidade limitada representado por um campus amplo. “Outro ponto indicado foi o valor do estacionamento, por volta de 30 dólares, apontado como uma barreira para as pessoas considerarem frequentar o campus”, complementou. Diversas soluções foram sugeridas, como a instalação de mapas de localização, melhor identificação dos prédios mais relevantes, maior acessibilidade, aumento dos serviços de transporte em todo o campus, disponibilização de “carrinhos de golfe” para o deslocamento, vagas prioritárias para idosos e preços razoáveis para os visitantes. Já outra pesquisa abrangeu todos os demais aspectos da universidade. Raina destacou os três principais achados e as recomendações para resolvê-los:

Diante das conclusões, foi criado um Comitê da Universidade Amiga do Idoso, formado por funcio-

nários seniores das áreas de serviço da universidade, pesquisadores e estudantes, com a missão de estabelecer prioridades para um plano de longo prazo na implementação, no aprimoramento e na revisão das iniciativas. Também foram desenvolvidos programas específicos para idosos, como o que pretende iniciar uma comunidade intergeracional de aprendizagem viva. Raina finalizou a palestra afirmando que são vários os próximos passos para o aprimoramento interno, mas que há a visão também da necessidade de atuação além dos muros da instituição. “Não podemos esperar que as pessoas decidam vir para a universidade, precisamos levar a importância do aprendizado ao longo da vida para as comunidades. Firmamos parcerias com bibliotecas e estamos avaliando como é possível envolver as pessoas idosas em atividades de aprendizagem nesses locais”, informou.

Fechando as discussões, um painel deu uma visão geral de três iniciativas, todas instigadas pelo ILC-BR, dentro do desejo de trazer para o Brasil o movimento das UAI. Emilio Moriguchi, geriatra e professor do Departamento de Medicina Interna da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), relatou que há dois anos foi iniciado um trabalho interno de reestruturação das ações realizadas até então pela instituição e dis-

Achados	Recomendações
Apesar da existência de programas para idosos no campus e de fortes programas de pesquisa sobre envelhecimento na Universidade, há um conhecimento limitado desses programas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Garantir que o público esteja ciente dos programas e eventos relevantes no campus relacionados à pesquisa e à programação específica do envelhecimento ✓ As informações devem ser acessíveis e fáceis de encontrar e navegar pelo público, incluindo os idosos.
Apesar das melhorias, a acessibilidade física não é consistente em todo o campus, e alguns locais ainda são difíceis de ser encontrados	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Continuar a investir em melhorar a experiência de visitantes iniciantes no campus ✓ Garantir a instalação e a manutenção de recursos de acessibilidade (rampas, portas automáticas)
As pessoas mais velhas sentem que não pertencem à McMaster e não conhecem os programas do campus voltados para elas; além disso, elas não querem ser apenas “objetos de estudos”	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver programas educacionais específicos para adultos mais velhos ✓ Criar mais oportunidades para levar os idosos ao campus (eventos, programas culturais) ✓ Incentivar os idosos a fazer parte da comunidade McMaster

se que a fase atual é de produzir um relatório para que a universidade seja reconhecida como participante do modelo de Universidade Amiga da Idoso. “Estamos trabalhando intensamente para atingir as dez metas propostas e esperamos, em breve, a aceitação para oficialmente fazer parte desse consórcio mundial”, destacou.

Por sua vez, o geriatra Luiz Roberto Ramos, diretor-fundador do Centro de Estudos do Envelhecimento da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), falou da expansão da atuação da instituição, já bastante voltada para pesquisas na temática do envelhecimento. Destacou o estudo longitudinal que acompanha há quase 30 anos uma amostragem da população residente nos arredores da universidade. “Recentemente firmamos um acordo com a prefeitura da cidade de São Paulo para transformar a Vila Clementino, onde a Unifesp está localizada, em um bairro amigo de todas as idades”, disse. A estratégia adotada foi criar um programa de extensão de promoção de saúde, envolvendo as diferentes disciplinas e departamentos da universidade, na busca para unir todas as ações e programas realizados pela instituição, promovendo uma ação integrada e garantindo um caráter interdisciplinar ao projeto.

Encerrando os exemplos brasileiros destacados no painel, Marília Louvison, professora doutora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), destacou as diversas iniciativas da USP relacionadas à temática, como a Universidade Aberta à Terceira Idade, que em 2019 ofereceu mais de 3 mil vagas para que pessoas com mais de 60 anos pudessem se inscrever em disciplinas de graduação e de extensão das mais diversas áreas. Marília destacou ainda a existência de um programa de envelhecimento ativo para os funcionários coordenado por Egidio Dorea, diretor de desenvolvimento institucional do ILC-BR; os diversos debates sobre longevidade organizados pelo Instituto de Estudos Avançados; o curso de graduação em gerontologia; e as diversas pesquisas viabilizadas pela realização, desde o ano 2000, do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE), como ações relevantes. “Essa transversalidade do envelhecimento ativo permeia a universidade através de algumas lideranças. Eu me sinto motivada para construir um processo mais articulado, e para, considerando o tama-

nho da universidade, poder pensar o que poucas e pequenas coisas podem ser feitas para construir essa transversalidade no pensar, no ensinar e no fazer cotidiano da instituição”, afirmou.

Formação dos profissionais: uma visão crítica

Após o entendimento de algumas estratégias institucionais, em uma visão macro, para o preparo das instituições de ensino para a longevidade populacional, a agenda do Fórum abriu espaço para um questionamento essencial e com o olhar para o micro: o aluno. Dessa forma, duas estudantes de medicina foram convidadas para responder à pergunta: “Estamos formando profissionais para o século XXI?”. Caroline Pedroso, graduanda da Faculdade de Medicina Souza Marques, ressaltou o contato superficial ou praticamente inexistente com a realidade do Sistema Único de Saúde (SUS) dos alunos das faculdades de medicina tradicionais. “Além de permanecer em sua bolha, longe da realidade imposta à maioria da população, o estudante não sai da faculdade preparado para lidar com multimorbidade, maior risco de complicações, polifarmácia, poliqueixas e demais condições das pessoas idosas”, afirmou, ressaltando os prejuízos causados ao desenvolvimento de pesquisas pelos cortes de orçamento em bolsas de estudo praticados pelo Governo Federal.

Em sua fala, Julia Baltazhar, aluna do quarto ano de medicina da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), trouxe dados que revelam lacunas importantes na formação médica, mostrando que, apesar de o Brasil ter um déficit de 28 mil geriatras – o país tem 1 geriatra para cada 12.086 habitantes, quando a recomendação da OMS é de 1:100 habitantes –, nem todas as faculdades de medicina brasileiras contam com a disciplina de geriatria e gerontologia. Ela também mostrou como é baixa a carga horária da disciplina de geriatria e gerontologia em comparação com outras, como pediatria, cirurgia geral e infectologia, e informou que não passa de 80 o número de ligas acadêmicas de geriatria espalhadas pelo país, enquanto a cardiologia reúne 131 e só no estado de São Paulo contabilizam-se 167 ligas de cirurgia. Como sugestões para melhorar o quadro na formação de medicina, ela propõe associar a geriatria às demais disciplinas; incentivar a participação

em programas de extensão relacionados à geriatria; e incluir, na residência médica, temas relacionados à geriatria, além da promoção de atualização no tema.

Convidada para realizar um contraponto às falas, Eliane Moraes Falcão, docente permanente do Programa de Clínica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), relatou que as instituições de ensino acabam brutalizando e desumanizando os alunos da área da saúde. Ela citou uma pesquisa realizada com estudantes do primeiro ano de medicina. Ao serem questionados sobre suas aspirações com o curso, as respostas mais recorrentes eram solidárias, como “vontade de aliviar o sofrimento”, “entender a humanidade”, “cuidar das pessoas”. “Apenas um ano depois voltei a repetir a mesma questão aos meus alunos, agora no segundo ano, e as respostas já eram de caráter prático, como a escolha da especialização e como seguir uma carreira que garantisse um bom padrão de vida”, afirmou Eliane, entre outros exemplos de casos de alunos desconectados do atendimento humanizado. As implicações para o cuidado do idoso são óbvias e preocupantes.

Cognição: essencial para o aprendizado ao longo da vida

Trata-se de uma interligação importante: ao mesmo tempo que o aprendizado ao longo da vida só pode ocorrer diante da manutenção das capacidades cognitivas, as pesquisas mostram uma forte relação entre a educação e a prevenção de perda cognitiva. Por isso, a participação de Jerson Laks, professor colaborador do Centro para Doença de Alzheimer do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, foi voltada para apresentar como reduzir o risco de declínio cognitivo e o surgimento de demência e da doença de Alzheimer. “Educação na infância é um poderoso fator preventivo de demência, pois a reserva cognitiva, cerebral, neural aumenta com a educação. E por aí podemos ver que temos um grande problema no Brasil, devido aos ainda grandes desafios envolvendo a oferta de educação básica de qualidade”, disse. Ele ressaltou também a importância da prática de exercícios físicos regulares, mesmo que de intensidade moderada, como fator de prevenção do declínio cognitivo. “O que chama atenção é que

35% dos fatores de risco de demência são modificáveis, como inatividade física, isolamento social, tabagismo, entre outros. O que ocorre é que um dos problemas, principalmente no Brasil, é exatamente a complexidade envolvida nisso. As pessoas são mais aderentes a soluções como medicamentos e cirurgias do que a investir em mudanças em seu estilo de vida”, afirmou.

A questão da equidade

Demonstrando que as oportunidades de aprendizagem não ocorrem de forma equânime, especialmente pelo racismo existente na sociedade brasileira, Alexandre Silva, doutor em saúde pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP, apresentou os achados de sua pesquisa, ainda inédita, feita com base no Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil), focado no item “atividades realizadas a partir dos 50 anos” e tendo como análise a raça/cor da pele (excluindo orientais e indígenas) como variável principal. “Os dados mostram uma prevalência de apenas 5%, entre todos os 10 mil investigados, de pessoas que afirmam fazer alguma atividade a partir dos 50 anos de idade”, destacou Silva. Dentro desse pequeno percentual, os números indicam que a população negra é a que mais frequenta as chamadas Universidade da Terceira Idade e também a que mais frequenta algum curso livre (informal). Chama atenção, porém, que, entre os negros, nenhum dos pesquisados afirmou fazer um curso de informática. Outro achado é que as mulheres (tanto brancas quanto negras) fazem mais atividades ao longo da vida do que os homens.

Em sua pesquisa, Silva buscou analisar de que maneira fatores como condição pregressa, escolaridade, discriminação, vizinhança e história de vida e de saúde impactavam a possibilidade ou não de realizar uma atividade de aprendizagem após os 50 anos. “O primeiro ponto que se percebe é que a população negra tem, em geral, condições piores”, destacou. Entre as situações desfavoráveis, tanto para o grupo que realiza uma atividade como para o que não realiza, aparecem: ter morado em área rural até os 15 anos; nunca ter estudado ou ter iniciado tarde os estudos; ter pais analfabetos. “Já a questão de discriminação pela cor da pele e por serem pessoas pobres foi muito mais percebida pelo gru-

po de pessoas negras que não realizam uma atividade de aprendizado. Isso faz adoecer, trazendo alterações internas que vão promover um envelhecimento precoce”, afirmou. Os dados relativos à vizinhança e à história de vida de saúde também apontaram situações desfavoráveis para essa população.

Silva fez uma retrospectiva da história da educação para as pessoas negras no Brasil para mostrar a criação de uma “democracia racial à brasileira”, com fortes iniquidades. Ele apresentou também como a desigualdade racial transparece em notas de meninos negros, usando dados de uma pesquisa da Fundação Tide Setúbal. “O pior desempenho não está relacionado à cognição, mas à realidade que eles enfrentam cotidianamente. As próprias professoras afirmam perceber que os meninos negros são tratados de forma desigual e considerados ‘indisciplinados’. Vale destacar que a renda não influenciou para essa condição, ou seja, mesmo diante de condições econômicas mais favoráveis o resultado e o tratamento são semelhantes”, destacou.

Ele finalizou sua fala com recomendações para ajudar a mudar este quadro:

- Viabilizar o acesso a atividades voltadas para o aprendizado;
- Ressignificar o aprender para os mais idosos;
- Ensinar o “lazer sério” para idosos e demais atores da sociedade;
- Considerar as especificidades e demandas de cada grupo social de idosos;
- Despertar o interesse dos setores privados para as demandas de todos os grupos sociais de idosos;
- Estimular as ações intersetoriais (educação, trabalho e saúde, por exemplo).

A fala de Silva foi complementada pela visão da escritora Lia Vieira, especialista em relações étnico-raciais. “Eu venho de uma cultura de matriz africana, na qual a aprendizagem é passada principalmente pela ancestralidade, pelo saber do ancião, que é o narrador das nossas histórias”, disse. Segundo ela, alguns pontos são essenciais para o aprendizado ao longo da vida: ele pode ocorrer de várias maneiras, formais e informais; deve apontar para uma inspiração de vida; pode acontecer no seio da família, com a ancestralidade dos mais antigos; não exige,

necessariamente, recursos tecnológicos, pois o conhecimento pode ser passado numa simples conversa; envolve gerenciamento do tempo (ela exemplificou dizendo que, se uma neta pergunta algo, é preciso entender isso como um momento de aprendizagem e ter paciência e carinho para que ele seja aproveitado); demanda sabedoria, calma; e valoriza o reconhecimento das conquistas a cada novo passo. “O aprendizado ao longo do tempo é um aprendizado para a vida. Ensina-me a viver!”, conclamou.

O direito das pessoas idosas de aprender

Convidada para explicar sobre a aprendizagem das pessoas idosas como um direito fundamental, Laura Machado, presidente da consultoria em gerontologia InterAge, deu total foco à questão da alfabetização de idosos. “Ser alfabetizado é uma condição fundamental para ter acesso às diversas formas da educação e, assim, exercer o direito de cidadania. Sem letramento não faz sentido falar em aprendizado ao longo da vida”, sentenciou. Laura apontou a existência de instrumentos que garantem esse direito, como o artigo 20 da Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos, que trata do direito à educação, incluindo a alfabetização com um dos níveis educacionais que devem ser facilitados aos idosos, em especial aos grupos em situação de vulnerabilidade. Ela citou, ainda, o fato de o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Idosas, em sua última sessão antes de ser destituída por decreto do Governo Federal, ter incluído em suas determinações que qualquer projeto a ser financiado pelo Fundo Nacional dos Idosos deveria ter uma rubrica específica para a erradicação do analfabetismo de pessoas idosas, que gira entorno de 30% no Brasil.

Como exemplo de experiência exitosa nessa linha, Laura descreveu um projeto realizado no município cearense de Iracema, extremamente pobre e localizado em área rural. A iniciativa foi estruturada e realizada após um diagnóstico que apontou como principais problemas dos idosos locais o alto índice de analfabetismo e a exploração financeira. “Os idosos analfabetos estavam sendo presas fáceis de instituições financeiras, pela oferta

de crédito consignado e outros produtos, e de pessoas mal-intencionadas, que conseguiam procurações para movimentar os valores das aposentadorias”, disse. A metodologia teve como objetivo o letramento instrumental para a vida diária, como saber pegar ônibus, conferir o troco etc. Era previsto também que todos os participantes conversassem com um advogado para apoio e resolução dos créditos contratados à revelia e demais processos, além de uma oficina para manejo de caixas eletrônicos. “Com duração inicial de dois anos, o projeto envolveu 50 idosos e teve resultados muito exitosos, que trouxeram um grande impacto na vida dessas pessoas, como se sentir seguro para ir às compras sozinho ou pegar um ônibus sem precisar de ajuda. A iniciativa proporcionou autonomia, empoderamento e aumento do exercício da cidadania”, ressaltou. A palestra de Laura encerrou o primeiro dia do Fórum.

Uma reflexão sobre o tempo

O segundo dia do Fórum foi iniciado com uma reflexão sobre o tempo de aprender conduzida de forma ao mesmo tempo profunda, leve e didática por Walter Kohan, filósofo, professor da UERJ e autor do livro *Paulo Freire, Mais do que Nunca*. Kohan destacou que, no grego antigo, há pelo menos três palavras para “tempo” e explicou a acepção de cada uma delas, estabelecendo analogias.

Primeiro, ele citou a palavra grega *Khrónos*, que indica “o número de movimentos entre o antes e o depois”, ou seja, aquilo que é medido por um relógio, cujos ponteiros não param. “Dessa forma, em *Khrónos* só existem passado e futuro, não há presente, porque o tempo não para. Outra característica é que não há diferença qualitativa. Cada segundo é – e tem de ser, para viabilizar a contagem do tempo – exatamente igual a outro”, descreveu. “*Khrónos* é muito útil e prático. Graças a ele, chegamos todos aqui no horário para acompanhar o fórum”, complementou. Ele afirmou que o sistema educativo é muito sensível a *Khrónos*, com as turmas escolares sendo definidas pela idade das crianças (cronometricamente); o trabalho do professor sendo organizado por cronogramas; o conteúdo apresentado por bimestres ou semestres; e tarefas e pro-

jetos com prazo de entrega. “O resultado é que todos têm de aprender e fazer o mesmo trabalho dentro do mesmo *Khrónos*, apesar de ter ciclos de vida e sensibilidades muito diferentes. *Khrónos* padroniza e aniquila as diferenças porque é insensível à qualidade”, destacou.

Kohan, então, apresentou *Kairós*, cuja tradução pode ser entendida como “tempo oportuno”. Segundo essa acepção, há um determinado momento em que é possível fazer algo. “Isso acontece quando não encontramos tempo para fazer algo. Existem projetos maravilhosos, porém, o momento oportuno não surge para que sejam executados”, explicou. “Para algumas pessoas, *Kairós* é muito importante para educação pois há coisas que só podem ser aprendidas em determinado momento, em uma idade certa. Já o educador Paulo Freire trabalhava sobretudo com pessoas que tinham sido ‘roubadas’ de seu tempo regular de aprendizagem e promovia algo parecido com uma corrida para educar as pessoas em um tempo que não era o tempo delas”, comparou.

O terceiro e último conceito de tempo apresentado por Kohan foi o representado pela palavra grega *Aion*. “A melhor definição para *Aion* é uma criança que ‘criancia’, ou seja, uma criança que brinca”, disse Kohan, explicando que *Aion*, ao contrário de *Khrónos*, não tem passado nem futuro, mas apenas presente. “Uma criança só pode brincar no presente. Quando uma criança nos convida para brincar e dizemos que temos 15 minutos para isso, imediatamente a brincadeira perde o sentido. Olhar para o relógio não possibilita entrar no tempo da brincadeira”, exemplificou, dizendo ainda que *Aion* é o tempo da arte, do amor e, principalmente, da educação. “*Khrónos* é o tempo na escola, da instituição, mas só se educa, só se aprende e se ensina em *Aion*. A educação é um tempo presente e de presença”, finalizou.

As diferentes motivações de quem busca o aprendizado na idade adulta

Em sua participação, Tim Driver usou a experiência como fundador e CEO da RetirementJobs.com, uma iniciativa norte-americana que identifica em-

presas adequadas e as conecta com trabalhadores mais velhos, para mostrar que há diferentes motivações que levam as pessoas acima dos 50 anos a buscar novos aprendizados. Na lista estão:

- tentar uma carreira complementemente nova; permanecer competitivo no mercado;
- adquirir conhecimento para se tornar um empreendedor;
- se capacitar para poder atuar de forma a retribuir à sociedade o que conquistou;
- desenvolver novas habilidades para seguir sua vocação ou obter crescimento pessoal.

Como exemplos práticos, ele mostrou o perfil de diferentes pessoas, como uma ex-executiva de TV que tinha interrompido a carreira para cuidar dos filhos e agora quer retornar ao mercado como professora, e para isso pretende cursar um mestrado em educação; uma dona de casa que deseja se transformar em líder comunitária voluntária e para isso almeja estudar gerontologia; e um imigrante que trabalhava como contador em Gana mas sempre sonhou em atuar na área de saúde e agora quer se formar como auxiliar de enfermagem, além de ter fluência em inglês.

A idade ainda é vista como um empecilho no mercado de trabalho, mas isso está diminuindo. “Em 2009, quando fizemos uma pesquisa sobre o assunto, 96% dos usuários de nossos serviços acreditavam que a idade era um problema; em uma nova pesquisa, feita neste ano, o percentual caiu para 83%”, citou Driver. Outros dados interessantes destacados por ele apontam que 66% dos pesquisados desejam um trabalho totalmente diferente do anterior e 58% buscaram formas de aprendizado ao longo da vida no passado. Com relação à maneira como desejam aprender nessa etapa da vida, as respostas foram ensino a distância flexível (52%), módulos de treinamento presenciais e curtos à noite ou no fim de semana (15,2%), aprendizado tradicional de faculdade (2,7%), abordagem híbrida, ou seja, uma combinação dos itens (30,2%). Driver encerrou sua palestra reforçando a importância da temática. “Os empregadores precisam de pessoas com talento que tragam bons resultados; as pessoas com 50 anos ou mais preci-

sam estar engajadas em atividades produtivas, pois assim são mais saudáveis, felizes e seguras economicamente; e os governantes precisam de uma economia que funcione bem. O aprendizado ao longo da vida é a chave para resolver tudo isso ou, digamos, quase tudo isso”, finalizou.

Dando sequência à questão laboral, uma bem estruturada iniciativa brasileira para a recolocação de pessoas acima dos 50 anos no mercado de trabalho foi alvo de um estudo de caso do Fórum. O engenheiro de software e empreendedor Morris Litvak apresentou a Maturijobs, plataforma criada por ele em 2015 com o objetivo inicial de ser uma alternativa de recrutamento e seleção de pessoas acima dos 50 anos, oferecendo, desde o começo, cursos e workshops para o desenvolvimento tanto dos profissionais 50+ como o aprimoramento da visão das empresas para esse público de funcionários. Litvak contou que a ideia rapidamente evoluiu para a construção de uma comunidade, com a formação de redes de relacionamento e entendimento do mercado, em 2016, e um novo passo foi dado em 2017, com o desenvolvimento e a capacitação para mercado e empreendedorismo, além da sensibilização de empresas do mercado sobre o valor de contar com profissionais seniores. Neste ano um dos marcos foi a estruturação de programas corporativos, com a oferta de consultorias para contratação, aprendizagem ao longo da vida, estratégias pós-vínculo (preparação para demissão humanizada) e para desenvolvimento das habilidades necessárias para o empreendedorismo.

Litvak também destacou a realização de eventos mensais em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas e a organização, em abril deste ano, do Maturifest, o primeiro festival de empreendedorismo 50+ do Brasil, que ofereceu workshops práticos e contou com a participação de 500 pessoas nos três dias de duração. Um dos pilotos realizados em 2018, batizado de “Recalculando a rota”, que envolveu um grupo de pessoas via webinar, terá como desdobramento em 2020 a “Maturi Academy”, com conteúdo online para os 50+. Outro ponto alto de 2019 apresentado por Litvak foi o lançamento da MaturiServices, uma inovadora plataforma para freelancers 50+. “O foco é que os 50+ possam oferecer serviços pontuais tanto para pes-

soas como para empresas. Nós acreditamos que esse tipo de trabalho é o que mais vai crescer, principalmente para esse público. O serviço temporário é uma tendência mundial”, afirmou. “Essa é a missão da Maturijobs: transformar a relação dos 50+ com o mercado de trabalho, mostrando outros caminhos, trazendo conscientização para as empresas e fomentando capacitação, que é fundamental”, afirmou.

A contribuição de entidades socioculturais

Entidades socioculturais podem ser grandes aliadas do aprendizado ao longo da vida, como demonstrou José Carlos Ferrigno, especialista em programas intergeracionais e de preparação para a aposentadoria, ao apresentar o modelo de atuação do Sistema S (conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica). Ele comentou que, nas entidades com foco em serviços sociais que fazem parte do Sistema S, as estratégias são voltadas para a educação no tempo livre, uma educação pelo lazer e para o lazer. “Com um saudável distanciamento das atribuições e pressões do dia a dia, podemos ter diversos momentos de aprendizado, exercendo o tempo livre de um modo criativo”, afirmou. Ele alertou para o fato de a ênfase dada para uma educação formal e profissionalizante poder ser alvo de críticas quando não acompanhada igualmente de uma formação mais ampla desde os primeiros anos escolares. “Devemos evitar o tecnicismo do ensino; apesar de ser imprescindível aprender português, matemática, física, química e biologia, não é possível formar cidadãos somente com elas”, defendeu. “Esse reducionismo acarreta prejuízo na formação de cidadãos críticos livres e conscientes de seus direitos e responsabilidades, por isso são preocupantes declarações recentes vindas de governantes que desvalorizam as ciências humanas em geral, em especial filosofia e sociologia. Ao invés de propor uma ‘escola sem partido’, deveríamos contar com uma escola com todos os partidos para ampliar a visão e formar de fato pessoas cidadãs”, destacou.

O psicólogo Wallace Hetmanek, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), complementou as observações de Ferrigno, detalhando a im-

portância do ambiente de aprendizado proporcionado pela Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI) no contexto brasileiro. Segundo ele, apesar de serem um conceito europeu, as UATIs desenvolveram suas próprias características no Brasil e têm um papel fundamental na promoção do desenvolvimento social e econômico.

O argumento econômico

A segurança financeira é necessária como viabilizadora das condições para o aprendizado ao longo da vida, porém não é algo simples de ser alcançado. Foi essa a mensagem da apresentação de Ana Leoni, superintendente de Educação Financeira e Market Data da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). Ela apresentou dados que apontam que 75% dos brasileiros não fizeram nenhum investimento em 2018; 49% das pessoas ouvidas que não se aposentaram acham que a vida financeira será melhor no futuro; e 56% dos não aposentados creem que sua renda, na aposentadoria, virá da previdência pública.

Ana explicou que um dos problemas com relação ao futuro financeiro é que as pessoas não conseguem se projetar lá na frente, enxergando apenas as condições, planos e aspectos pessoais e profissionais do momento atual e levando em conta esses elementos na tomada de decisão de como manejar os recursos. Além disso, destacou que falar de dinheiro é um tabu na sociedade brasileira e está relacionado a fatores psicológicos, culturais, sociais e religiosos. Estudos mostram que 50% das pessoas têm aceleração cardíaca ao lidar com dinheiro; 11% sentem mal-estar ao analisar seus extratos bancários; e 15% evitam abrir envelopes bancários. Somado a isso tudo, há ainda uma grande dificuldade de “adiar o prazer” (a famosa mania do brasileiro em preferir comprar parcelado a juntar o dinheiro primeiro para depois adquirir o bem desejado).

Letramento em saúde

Gill Rowlands, professora de medicina de família do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade de Newcastle, mostrou a importância do cha-

mado “letramento em saúde”. A expressão é usada para representar as habilidades cognitivas e sociais que determinam a motivação e a capacidade das pessoas em obter acesso, entender e usar as informações de maneira a promover e manter a boa saúde. “O letramento é um recurso que gera benefícios pessoais, como escolhas de estilo de vida mais saudáveis e uso eficaz dos serviços de saúde disponíveis”, afirmou Gill. Ela apresentou dados que indicam que indivíduos com menor nível de alfabetização em saúde morrem mais cedo; acham mais difícil tomar a medicação conforme a prescrição; são mais propensos a ter uma ou mais condições de saúde desfavorável a longo prazo; são menos propensos a se envolver com a prevenção de doenças, como rastreamento de câncer, vacinação. “No entanto, as habilidades de alfabetização em saúde podem ser desenvolvidas ao longo da vida, e isso deve resultar em envelhecimento mais saudável e comunidades mais fortes e resilientes”, destacou.

Gill apresentou algumas iniciativas voltadas para o letramento em saúde. Uma delas, realizada em Londres, envolveu uma série de cursos destinados a pais de crianças de 0 a 16 anos sem qualificações básicas em matemática ou inglês. Cada curso envolveu 12 sessões de cinco horas, sendo que três horas eram voltadas a um aspecto da saúde acordado com os alunos (por exemplo, compreensão dos rótulos dos alimentos), uma hora era reservada para um almoço em comum preparado pelos alunos e a outra hora destinada para uma caminhada em grupo.

Os resultados comparativos entre posturas dos participantes antes e depois das capacitações mostram que, após o término dos encontros, apesar de o tabagismo e o consumo de bebidas alcoólicas permanecerem inalterados, houve aumento significativo no consumo de comidas e bebidas saudáveis, na prática regular de exercícios físicos, em estratégias para o bem-estar mental e em atitudes seguras.

Um contraponto bastante provocativo à defesa da forma de realizar um letramento em saúde descrito por Gill Rowlands foi formulado por Eberhart Portocarrero Gross, médico de família e comunidade da Clínica da Família Maria do Socorro Silva e Souza, localizada na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Portocarrero Gross elencou como questionamentos:

- **Estilo de vida em oposição a condições de vida.** Citando um dos resultados de estudos apresentados na palestra anterior, no qual um participante diz ter aprendido que saúde está relacionado a comer menos açúcar e menos sal e a fazer atividade física, Portocarrero Gross questiona se é eficaz reforçar a capacidade individual de comer menos sal e açúcar ou se a estratégia deve estar voltada para legislações relacionadas à rotulagem dos alimentos ou para informações de melhor qualidade sobre os tipos de alimento disponíveis nos mercados.
- **Propostas individuais versus propostas individualistas.** Portocarrero Gross questionou se o que se deseja é uma sociedade na qual um indivíduo sai da miséria e é reconhecido pela capacidade de fazer a diferença na própria vida ou o que se busca é o fim da miséria. Ele destaca o cuidado necessário para evitar o efeito de culpabilização da vítima, em uma situação onde a pessoa mais oprimida é a que tem que ter força de vontade para superar as dificuldades e barreiras impostas. Ele reforçou que essa linha de pensamento pode levar a uma privatização do cuidado em oposição à demanda pela estruturação de uma rede de cuidados públicos e sociais. Ele também ponderou se o oferecimento individual é escalável. “Será que de indivíduo a indivíduo podemos fazer uma comunidade mais forte ou só obteremos o crescimento individual?”, questionou.
- **Indefinição de responsáveis.** Mesmo que o conceito de letramento em saúde tenha vindo da educação para a área de saúde, Portocarrero Gross aponta que é fácil entender que a alfabetização em saúde, assim como a aprendizagem ao longo da vida, está relacionada à capacidade de lidar com as intempéries da vida. “Esse é um problema para a sociedade toda. Se deixar, nós, os médicos da família, que sempre queremos tudo, vamos nos organizar, estruturar grupos e ações, mas, como está claro que é necessário um movimento de toda a sociedade, esses esforços se mostrarão insuficientes”, considera. “Ao mesmo tempo, ao assumir a afirmação de que é preciso todo mundo, o receio é de que se caracterize como algo que não é de ninguém especificamente, correndo o risco do famoso ‘deixa que eu deixo’”.

Portocarrero Gross encerrou sua palestra convidando todos os participantes a refletir como, profissionalmente e na vida pessoal, é possível contribuir de maneira significativa para que o empoderamento individual resulte em benefícios reais e duradouros para a sociedade como um todo. Kalache em suas ponderações no final da palestra estabeleceu a ligação entre estas duas palestras e o V Fórum Internacional da Longevidade, em 2017, sobre a construção da Resiliência citando exemplos concretos como o projeto no Estado da Austrália do Sul que busca reforçar a resiliência individual através da construção de uma sociedade mais resiliente e vice-versa, estabelecendo assim um ciclo virtuoso.

Aprendendo a aprender

Após a profunda contextualização e a múltipla visão dos impactos, iniciativas e enfoques relacionados ao aprendizado ao longo da vida trazidas pelas palestras anteriores, Daniele Vieira, ex-especialista do Institute For Lifelong Learning da Unesco e atual professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), buscou apresentar como, afinal, “se aprende para toda a vida”. Ela destacou que não se trata de algo novo, pois “o entendimento da importância da aprendizagem ao longo da vida remonta a milhares de anos em várias culturas”. Ela citou dois documentos essenciais para a temática: o relatório da Unesco *Learning to Be* (Aprendendo a ser), publicado em 1972, que defendeu a “educação ao longo da vida” como um conceito fundamental para as políticas educacionais, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento; e a publicação *Learning: The Treasure Within* (Aprendendo: o tesouro oculto), de 1996, que argumenta que a aprendizagem ao longo da vida se sustenta nos pilares “aprendendo a ser”, “aprendendo a saber”, “aprendendo a fazer” e “aprendendo a viver juntos”, com ênfase no capital humano e na empregabilidade. Daniele ressaltou que o conceito de aprendizagem ao longo da vida envolve todas as idades, ocorre em diferentes contextos da vida (família, escolas, comuni-

dades, lugares de trabalho etc.) e por meio de várias modalidades (formal, não formal e informal). Ela elencou, ainda, cinco mensagens principais, extraídas do Fórum Mundial da Educação de 2015, que devem reger as estratégias para a educação ao longo da vida:

1. Todas as pessoas, especialmente aquelas em situações de vulnerabilidade, devem ter acesso às oportunidades de aprendizagem ao longo da vida.
2. O desenvolvimento de políticas e estratégias para a aprendizagem ao longo da vida para todos requer enfoques entre diferentes setores e parcerias sólidas.
3. Pontos de entrada múltiplos e flexíveis devem ser providenciados para todas as idades e níveis educacionais.
4. Espaços e contextos de aprendizagem ao longo da vida devem ser disponibilizados amplamente.
5. A aprendizagem ao longo da vida deve aproveitar o imenso potencial das tecnologias modernas de aprendizagem.

Ela encerrou sua fala apresentando os desafios da temática para o Brasil, defendendo que é fundamental debater quais habilidades precisam ser desenvolvidas dentro do contexto brasileiro, que a aprendizagem deve ser integrada na sociedade e que são necessários sistemas de monitoramento e avaliação com indicadores para analisar o processo e os resultados da aprendizagem ao longo da vida. Nascimento ressaltou fortemente que é preciso afastar a compreensão de que a aprendizagem só ocorre de maneira formal. “A aprendizagem faz parte da vida cotidiana. Vivo, logo aprendo”, afirmou, finalizando sua explanação.

O papel da educação executiva

Um exemplo de programa de educação executiva foi dado durante a participação de Cláudia Andrade Botelho, diretora estatutária da Fun-

dação Dom Cabral. Ela explicou que a instituição tem desenhado programas no contexto do aprendizado ao longo da vida e listou como premissas a serem adotadas pelo participante para esse processo:

- Adotar uma postura positiva
- aspiração (envolvendo transcendência e não funcionalidade; projetos e não cargos);
- construção do capital intelectual (desenvolvimento de habilidades e competências);
- autoconhecimento (questionamento sobre as próprias potencialidades e motivações); e
- contínua interlocução com o ambiente sociocultural (identificar necessidades de ajustes de *mindset* e comportamentos com respostas às mudanças externas).

Cláudia também destacou que é preciso considerar que a aprendizagem acontece de várias formas, seja por processos formais, não formais e informais; via estudo individual; com a adoção de um pensamento crítico diante das informações e conteúdos recebidos e, também, com a experiência, desafios, erros, e com os pares. “Além disso, aprende-se com mentores, o que é muito importante. Temos adotado isso em nossos programas, estimulando a convivência entre gerações e entendendo a mentoria dos dois lados, com os mais velhos orientando os jovens, mas também com os mais novos fazendo a mentoria reversa, apoiando os mais velhos, principalmente na questão da tecnologia”, afirmou.

Encerrando sua apresentação Cláudia apresentou o Trekker Design de Carreira, um serviço da Fundação Dom Cabral desenvolvido para que profissionais em diferentes momentos da vida possam encontrar o melhor caminho na direção dos seus objetivos pessoais e profissionais. “Nós entendemos que o processo de carreira não é linear, é uma espiral ascendente e, a cada novo ‘ponto de virada’, é necessário olhar para o passado para desenhar um novo futuro”, afirmou. Ela explicou que o Trekker é composto de jornadas de desenvolvimento divididas em três fases. A primeira é a “explorar”, na qual a meta é ampliar o autoconhecimento em todas as direções e definir propósito. “São utilizadas ferramentas como testes de personalidade, entre outras,

para a pessoa se apoderar de suas potencialidades”, descreveu Cláudia. A etapa seguinte é a “desenhar”, ou seja, definir com o mentor qual será o plano de navegação, com estratégias de aprendizagem sob medida. Finalmente, a terceira fase é a “agir”, voltada para a implementação do plano, a aprendizagem com a própria execução e a definição de novos “pontos de virada”. “Nós lançamos esse serviço neste ano. Temos oito pessoas fazendo a jornada e estamos percebendo um grande engajamento dos participantes, o que tem trazido muito aprendizado para nós também”, afirmou.

Barreiras e motivações

Em sua palestra, Marcelo Neri, diretor social da Fundação Getúlio Vargas (FGV), abordou barreiras e motivações para o aprendizado ao longo da vida. Com relação às barreiras, o primeiro ponto elencado foi o atraso educacional. “O Brasil é um país muito atrasado em termos de educação, e um dos grandes problemas da longevidade de nossa população é que as pessoas estão chegando em idades avançadas sem o mínimo de educação desejável”, disse, apresentando um gráfico com dados que apontam que, em termos de taxa de analfabetismo, o Brasil está 110 anos atrasado em relação aos Estados Unidos e 50 anos em comparação com a Argentina. “É preciso que a educação continuada reconheça essa realidade e consequente demanda. As iniciativas educacionais para a terceira idade precisam também suprir o básico”, defendeu.

Outra barreira expressiva é que a desigualdade educacional existente no Brasil se reflete fortemente no padrão de vida, ou seja, pessoas com maior educação têm maior renda, melhor taxa de ocupação, maior estabilidade no mercado e menor jornada de trabalho. “O problema não é só que há uma diferença de salário de acordo com o nível educacional. A questão é que o salto é cada vez maior a cada avanço na escolaridade. Isso quer dizer que uma pessoa com um a quatro anos de escolaridade consegue um aumento de remuneração em torno de 8% por ano de estudo; na universidade, esse percentual salta para 21% e segue crescendo”, detalhou. “Fica claro, então, que, para quem tem alto nível de educação, é fácil sentir-se motivado a continuar estudando, porque o

retorno é alto, ao contrário do que ocorre no caso de baixa educação.” Neri lembra que o público atual de programas de educação de idosos será composto exatamente por pessoas de baixa escolaridade, pois, se atualmente o acesso à universidade ainda é viável para um grupo privilegiado, há 50 anos a parcela de universitários era pequeníssima.

Ao falar sobre as motivações para o aprendizado, Neri buscou comparar o índice de felicidade das pessoas com maior escolaridade e o daquelas com menor escolaridade. A constatação inicial é de que o brasileiro é um povo feliz, apesar de essa sensação de felicidade ter caído fortemente nos últimos anos, passando de 7,1 em uma escala de 0 a 10 no ano de 2013 para 6,2 em 2018. Ele explicou que o levantamento também mede o nível de felicidade passado e futuro e que, de modo geral, os mais jovens sentem que serão mais felizes nos próximos cinco anos, enquanto os mais velhos acreditam ter sido mais felizes nos cinco anos anteriores. A despeito disso, as pessoas com ensino superior nas diversas faixas etárias apresentam índices mais altos em felicidade futura – no Brasil, isso é ainda mais acentuado. Enquanto no mundo essa diferença é de 1 ponto, no Brasil chega a 1,64. “Um dos argumentos, então, para continuar estudando, para além de condições salariais, é de que quem estuda mais tem mais probabilidade de ser mais feliz”, encerrou, finalizando a última palestra do evento.

Aprendendo através da Cultura

O Fórum foi encerrado com uma comprovação de que o aprendizado também se dá por meio da Cultura. A degustação da peça *Rugas* foi o ponto de partida para um momento de interação com a plateia e o questionamento do que se deseja para o envelhecimento pessoal. Além disso, Amir Haddad, diretor da peça, um dos fundadores do Teatro Oficina, em um descontraído bate-papo com Kalache comentou sobre a reinvenção que promoveu em sua carreira ao deixar as produções convencionais para ser um defensor bastante atuante do teatro realizado em ruas e praças, democratizando o acesso à cultura. Aos 82 anos e com mais de seis décadas de atividade artística, demonstrou que continua se reinventando ao longo de sua longa vida profissional. “O aprendizado é algo permanente. Aprender é o exercício mais delicado, mais sensível e mais profundo que o ser humano pode experimentar”, comentou Haddad. “Tem quem tenha a ideia de que existe uma idade a partir da qual não se precisa aprender mais nada, isso é um engano. Eu nunca fiz outra coisa na vida que não fosse o teatro e cada vez eu me convenço mais de que não tem um limite do que eu posso aprender na minha profissão. A condição para a eterna juventude é o eterno aprendizado”, afirmou Haddad.

¹ Projeto organizado em parceria com a Bradesco Seguros.

Com apoio institucional: da MSD, por meio do seu programa de responsabilidade corporativa no Brasil; da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia; e da Universidade Aberta da Terceira Idade/RJ.

Anotações preparadas por Luciana Fleury, Repórter, Dínamo Editora.

